

Paisagem do abandono: Grandes edificações modernas inativas¹

CABRAL, Maria Cristina Nascentes; NEVES, Carolina Quintanilha. Paisagem do abandono: Grandes edificações modernas inativas. Revista Docomomo Brasil, Rio de Janeiro, n. 4, p. 114-124, dez. 2019

data de submissão: 24/11/2019

data de aceite: 10/01/2020

Landscape of abandonment: Inactive big modern constructions

Maria Cristina Nascentes CABRAL

PhD, Docente do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo (PROURB) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), Universidade Federal do Rio de Janeiro; mariacristinacabral3@gmail.com

Carolina Quintanilha NEVES

Arquiteta e Urbanista, Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Urbanismo (PROURB) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); carol_cqn@hotmail.com

Resumo

No Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, capital federal até 1960, edifícios de grandes dimensões foram associados à iniciativas de caráter simbólico político. Na era Vargas, destacam-se os edifícios ministeriais: da Educação e Saúde Pública, do Trabalho, da Fazenda, e da Guerra. Durante o período de governo federal de Juscelino Kubitschek, construiu-se uma cidade inteira para a nova capital, e no governo militar foram implementadas obras de infraestrutura, para além do Distrito Federal. O sucesso da arquitetura moderna no Brasil não está circunscrito apenas à sua relação com o poder público, mas com o próprio desenvolvimento econômico e industrial, o processo de urbanização e o crescimento populacional, além de uma nova cultura arquitetônica e urbanística que é parte deste próprio processo social. Neste sentido, problematizaremos outras grandes edificações que também sintetizaram a ideia do país novo, moderno, mas que se encontram abandonadas. Este trabalho investigará quatro edificações modernas, não concluídas ou desativadas, que estão abandonadas na paisagem urbana contemporânea, tentando compreender as causas e impactos posteriores destes abandonos. Elas serão divididas em dois grupos: o institucional, compreendendo o Hospital Universitário Clementino Fraga Filho da UFRJ e a Escola Superior de Guerra; e o comercial, especificando o Gávea Tourist Hotel e, mais profundamente, o Panorama Balneário Hotel. A análise tem como base as críticas de Anatole Kopp, sobre a produção arquitetônica moderna durante a década de 1950, e de Arturo Escobar, sobre produção da cidade a partir da mesma década, considerando o ideal desenvolvimentista que a regia.

Palavras-chave: Modernidade, Arquitetura moderna, Desenvolvimentismo.

Abstract

In Brazil, more specifically in Rio de Janeiro, the federal capital until 1960, large buildings were associated with political symbolic initiatives. In the Vargas era, the ministerial buildings stand out (Education and Public Health, Labor, Finance, and War). During the federal government of Juscelino Kubitschek, an entire city was built for the new capital, and in the military government infrastructure works were implemented in addition to the federal District. The success of modern architecture in Brazil is not limited only to its relationship with the government, but with its own economic and industrial development, the process of urbanization and population growth, as well as a new architectural and urbanistic culture that is part of this own social process. In this sense, we will discuss other major buildings that also synthesized the country of the "future", but which are abandoned to their own destiny. This article will investigate modern buildings, unfinished or deactivated, that are abandoned in the contemporary urban landscape, trying to understand the causes and subsequent impacts of these abandonments. They will be divided into two groups: the institutional, comprising the Hospital Universitário Clementino Fraga Filho of UFRJ and the Escola Superior de Guerra; and the commercial, specifying the Gávea Tourist Hotel and, more deeply, the Panorama Balneário Hotel. The analysis will be based on the critics of Anatole Kopp, about the modern architectural production during the 1950s, and Arturo Escobar, about the production of the city from this decade, considering the developmental ideal that governed it.

Keywords: Modernity, Modern Architecture, Developmentalism.

Introdução

No livro *Teoria e projeto na primeira era da máquina* (1975, [1960]), Reyner Banham (1922-1988) reviu a arquitetura moderna, distinguindo-a na Primeira e na Segunda Idade da Máquina, a partir da distribuição dos meios de produção em massa pelas camadas da sociedade. Segundo Banham (1975, [1960]), a Primeira Idade da Máquina, compreendida entre as décadas de 1910 e 1920, teve o automóvel como máquina simbólica e foi caracterizada como a "idade do poder dos meios e da redução das máquinas à escala humana" (p.13). Essa estética da máquina foi moldada a fim de criar formas que simbolizassem o mundo idealizado por esta era. A Segunda Idade da Máquina teve início na década de 1950, e foi considerada como a "idade dos aparelhos eletrodomésticos e da química sintética" (p. 13). Para ele, a máquina simbólica desta era foi a televisão, meio de comunicação de massa, criada para fornecer entretenimento em escala populacional.

Em *A concrete Atlantis* (1986), Reyner Banham sustenta a tese da relação explícita, e não apenas indicativa, de obras primas do movimento moderno europeu, como a *Cité de Refuge* e a *Ville Savoye* de Le Corbusier, com as estruturas industriais americanas de determinado período. Em 1980, ao visitar a estrutura industrial de processamento da pesca abandonada Cannery Row em Monterey Bay na Califórnia, Banham a descreveu como o “mais simples diagrama de estrutura idealizada de concreto armado”(p.2)² relacionando-o com os princípios fundamentais da arquitetura moderna tal como apareciam nos livros de sua divulgação. Como parte da pesquisa para *A concrete Atlantis*, o autor visitou uma série de estruturas industriais do início do século passado, muitas delas desativadas. A falta de ocupação permitiu-o perceber a realidade estrutural e morfológica daqueles sistemas de uma maneira mais reveladora do que se estivessem ocupadas.

Os arquitetos europeus modernos das primeiras gerações foram impactados pelas fotografias das instalações industriais norte-americanas, divulgadas inicialmente por Walter Gropius, que se reproduziram em diversas publicações e conformaram o imaginário europeu sobre um tipo de arquitetura que até então aqueles profissionais não conheciam *in loco*. Volumetrias simples e em dimensões até então não conhecidas tornavam-se possíveis pela nova tecnologia, também industrial. A América aparecia aos olhos europeus e nas palavras de Walter Gropius como “obras do Antigo Egito” em sua esmagadora monumentalidade (BANHAM, 1986, p. 6).

Este trabalho parte de uma premissa semelhante, instiga-nos analisar grandes estruturas modernas desativadas, no entanto, com objetivos e premissas diferentes das de Banham. Investigamos grandes edificações modernas, não concluídas ou desativadas, tentando compreender as causas e impactos posteriores destes abandonos. Ao invés de “diagramas”, estas estruturas abandonadas são compreendidas como parte constitutiva da paisagem urbana, revelando em seus vazios suas características estruturais e morfológicas, mas não as circunstâncias que as geraram.

Enquanto Banham acreditava que a Segunda Idade da Máquina remetia a um período onde a produção em massa era mais democrática para as diversas camadas da sociedade, Anatole Kopp (1915-1990) apresentou uma análise do período em questão sob outra perspectiva. Em *Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa* (1990, [1986]), Kopp circunscreveu a arquitetura moderna à produção feita nos anos 1920, pós-Primeira Guerra Mundial. Após esse período, toda nova arquitetura passou a ser chamada de “moderna” erroneamente, pois se tratava de um estilo, uma vez que carregava em si um sentido originário deturpado daquele empregado nos anos 1920.

No pós-Primeira Guerra Mundial, período em que as cidades europeias estavam destruídas, vastas campanhas foram desenvolvidas reivindicando uma vida melhor, baseada em transformações sociais e políticas fundamentais. De acordo com Kopp, o desejo de mudança pairava no ar e, nesse sentido, os arquitetos modernos pioneiros uniram-se em prol desta causa, a fim de ocasionar uma revolução arquitetônica, revestida de uma ideologia progressista, ligada à coletividade.

Nesta revolução arquitetônica da década de 1920, havia a intenção de mudar o modo de vida coletivo, começando por melhorar a condição do homem em sociedade, resolvendo os problemas da habitação, dos transportes e do lazer. Os arquitetos europeus acreditavam que, seguindo essa causa, o mundo mudaria radicalmente, pois a sociedade surgiria “das ruínas da antiga”, sendo “mais justa, mais fraterna e mais igualitária”(KOPP, 1990 [1986], p. 18).

Sobre o pós-Segunda Guerra Mundial, Kopp concluiu que os aspectos ideológicos em prol da causa coletiva foram revertidos. Ele observou que, a partir de 1950, a arquitetura moderna passou a ser encarada como um estilo, no qual foram colocados em prática somente os ideais “funcionalistas” dos modernos pioneiros, sem que a causa deles fosse levada em consideração.

Segundo Kopp, essa arquitetura de estilo “moderno” partiu de um idealismo que correspondia ao lucro, o que representou uma “sabotagem” do modo de vida pensado coletivamente pelos modernos pioneiros. Edifícios em escala monumental passaram a ser projetados seguindo “os apetites financeiros dos especuladores imobiliários”, sob aspectos plásticos sem nenhuma referência a qualquer programa funcional moderno (KOPP, 1900 [1986], p. 15).

Estes projetos foram considerados, por Kopp, como parte de uma política “repressiva, segregacionista e reacionária” (KOPP, 1990 [1986], p.249), cujos valores favoreciam e fortaleciam a perpetuação do poder da classe dominante, através da arquitetura “moderna”. Como consequências deste estilo arquitetônico que ensejava ser “moderno”, mas guiado por interesses de lucro e ostentação, Kopp demonstrou que estavam sendo ocasionados: problemas na urbanização, monotonia da arquitetura, desadaptação das residências às necessidades de seus moradores, proliferação de uma rede viária para uso exclusivo do automóvel, desaparecimento da paisagem natural, dentre outras consequências.

A partir da crítica de Kopp à arquitetura pós-Segunda Guerra, inserimos a inatividade ou o abandono como possível consequência deste “estilo” arquitetônico moderno, que não trazia consigo a causa originária do modo de vida do bem estar social, especificamente no nosso estudo de caso, o Panorama



Balneário Hotel, em Niterói. Examinamos também grandes estruturas modernas inativas e inacabadas, abrangendo iniciativas institucionais e com interesses comerciais, que se encontram em estado de abandono. Por *abandono*, entendemos a presença dessas grandes edificações modernas inacabadas pela paisagem urbana que perduram por mais de cinco décadas, deteriorando-se cada vez mais com as intempéries.

No estado do Rio de Janeiro, destacamos a presença de quatro grandes construções modernas não concluídas e/ou abandonadas na paisagem urbana. Estas construções apresentam características diferenciadas, seja nos seus processos de idealização e viabilização quanto em suas formas arquitetônicas de grandes dimensões. Este trabalho identifica as características gerais de abandono das seguintes obras: Hospital Universitário Clementino Fraga Filho da UFRJ (1949); Gávea Tourist Hotel (1953); Escola Superior de Guerra (1970), que não se situa no Rio de Janeiro, mas em Brasília; e apresenta como estudo de caso, o Panorama Balneário Hotel (1957) em Niterói.

No entanto, o sucesso da arquitetura moderna no Brasil não está circunscrito apenas à sua relação com o poder público, mas com o próprio desenvolvimento econômico e industrial, o processo de urbanização e o crescimento populacional, além de, pelo óbvio, uma nova cultura arquitetônica e urbanística que é parte deste próprio processo social. Neste sentido, problematizamos grandes edificações que também sintetizaram o ideal de grande país do “futuro”.

O ideal desenvolvimentista e a arquitetura moderna

O antropólogo colombiano Arturo Escobar (1952-) analisou as formas de atuação e interação entre as práticas da modernidade, do Estado nacional, do capitalismo e da globalização. Sua crítica é elaborada a partir da constatação de que objetivos fictícios para atingir o desenvolvimento incorporam certa dinâmica homogeneizante do capital na construção dos lugares, das identidades e das redes.

Segundo Escobar (2005), o capital vem assumindo um papel crucial na sociedade, que reflete diretamente na produção arquitetônica do lugar, por ele ser o operador da modernidade, o vetor de desenvolvimento, o promotor do progresso e o modificador sociocultural das regiões. A partir da década de 1950, uma lógica de projetos desenvolvimentistas se consolidou, e a economia moderna liberal passou a ser baseada exclusivamente no mercado.

Sua crítica faz parte do pós-colonialismo ocidental que considera que o desenvolvimentismo, em suas teorias, políticas, programas e objetivos, substituiu o evolucionismo e a ideia de progresso, agregando

em si as principais aspirações destes. Além disso, o emprego da palavra desenvolvimento tornou-se um mecanismo de controle tão significativo que, para Escobar, é semelhante ao colonialismo.

A lógica desenvolvimentista está associada a complexos processos históricos ligados tanto ao capitalismo quanto à modernidade. Escobar defende que esta associação se configura como um dispositivo enraizado no eurocentrismo, no qual há uma objetivação da natureza descolada do homem-indivíduo e seu tratamento como mercadoria. Dentro desta mesma lógica, compreende a formação da paisagem urbana.

De acordo com Escobar, a relação entre desenvolvimento, capitalismo e modernidade está intrinsecamente associada à colonização da América Latina, principalmente na construção da teoria social. Ele aponta que a consequência do colonialismo ocidental é a “persistente marginalização do lugar” (2005, p. 70), seguindo a lógica desenvolvimentista, na qual a produção do lugar acontece a partir dos interesses que giram em torno do capital.

O artigo *O conceito de desenvolvimento no pensamento de Arturo Escobar* (2016) de Flávio José Rocha da Silva examina a teoria de Escobar e promove novas reflexões que ressaltam esta crítica. Nele, Silva afirmou que “a palavra desenvolvimento tornou-se um mantra utilizado por diferentes grupos políticos e empresariais para justificar megaprojetos sem levar em conta os impactos negativos nas comunidades locais” (SILVA, 2016, p. 170).

A palavra desenvolvimento, que está ligada ao ideal de modernidade, tem caráter polissêmico e, segundo Silva, ela é utilizada e entendida como sinônimo de crescimento econômico e de benefício para a população. O autor considera que “desenvolvimento” se tornou discurso oficial, a partir da década de 1950, dos representantes governamentais, identificados por ele como “arautos do desenvolvimento”, que estão vinculados com o mercado e a imprensa.

Durante a década de 1950, projetos em grande escala foram então impulsionados monologicamente, com um discurso fictício que prometia e pregava a necessidade da melhoria da condição de vida da população. Dentro desse discurso, a população acreditou que tais projetos trariam de fato benefícios para ela, no entanto, isso não ocorreu, pois esse sistema desenvolvimentista estava inserido no modelo capitalista de ostentação de lucro.

De acordo com Silva, dentro deste modelo, só havia o interesse no aumento da produção em larga escala, bem como do crescimento econômico e do consumo, ambos voltados à elite. A partir desse processo, houve uma adequação a um padrão de

produção e consumo, refletido nas grandes formas arquitetônicas pós-1950, que ocasionou uma maior segregação espacial e ideológica entre as diferentes classes sociais.

Esses projetos, criados na lógica desenvolvimentista e seguindo as necessidades e apelos mercadológicos, desconsideraram as especificidades do lugar. Em seu artigo, Silva demonstrou que o desenvolvimento é um processo de tirar o envolvimento, é “des-envolver-se”. Ele assegurou que para um projeto levar o desenvolvimento a um lugar, os promotores desse empreendimento praticam o “não envolvimento” com a sociedade, pois isso permite a imposição de suas práticas e interesses.

O não envolvimento com o lugar é praticado como uma estratégia política e econômica das esferas de poder para manter a dominação. Elas desfiguram tanto as preexistências do lugar, através dos seus projetos em grande escala, que ocasionam muitos danos e impactos socioambientais, assim como a perda da consciência do lugar, do seu significado e da sua concepção.

Essa lógica desenvolvimentista gerou algumas consequências, que Silva determinou como “armadilhas das promessas de desenvolvimento”, que são a formação de desigualdades socioeconômicas e de danos socioambientais. A população local não herdou nenhum benefício com esses projetos, que idealizavam o desenvolvimento e ostentavam o lucro, e nem tão pouco as esferas de poder que os impulsionaram, pois eles não foram sequer concluídos. Silva conclui que “sem levar em conta a cultura do lugar, projetos faraônicos de desenvolvimento estão condenados ao fracasso, senão no curto, com certeza em longo prazo” (2016, p. 175).

Os exemplos a seguir apresentam edificações modernas inativas, marcantes na paisagem urbana pelas suas grandes escalas, que surgiram nesse propósito desenvolvimentista, mas que atualmente estão abandonadas. Por apresentarem distintos modos de idealização e objetivos, elas serão analisadas a partir de dois grupos diferentes de casos: os institucionais, sem vínculo com a lógica comercial; e os de interesse comercial, cujos objetivos relacionam-se diretamente aos lucros financeiros.

Edificações Institucionais em abandono

No Brasil, e mais especificamente no Rio de Janeiro, capital federal até 1960, alguns edifícios de grandes dimensões, que foram impulsionados a partir da ideia de desenvolvimento estavam associados à iniciativas de caráter simbólico político. Na era Vargas, destacam-se os edifícios ministeriais (da Educação e Saúde Pública, do Trabalho, da Fazenda, e da Guerra). Durante o período de governo federal de Juscelino Kubitschek, construiu-se uma cidade intei-

ra para a nova capital, e no governo militar foram implementadas obras monumentais de infraestrutura em todo o país.

Nesse grupo, destacamos a presença de duas grandes construções modernas não concluídas e abandonadas na paisagem urbana, que surgiram a partir de viés institucional. A primeira obra a ser analisada será o Hospital Universitário Clementino Fraga Filho da UFRJ (1949), representando um exemplo institucional de saúde. A segunda será a Escola Superior de Guerra (1970), exemplo de instituição sociocultural/ educacional, que se situa em Brasília.

Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF)

O Hospital Universitário Clementino Fraga Filho da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (Figura 1), idealizado durante o segundo governo de Getúlio Vargas (1949), foi um projeto coordenado pelo arquiteto Jorge Machado Moreira para o hospital público da Universidade do Brasil.



Figura 1 | Perspectiva aérea da construção do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, sem data
Fonte: Núcleo de Pesquisa e Documentação, UFRJ³

O projeto foi concebido para abrigar 2.200 leitos distribuídos em 220.000 m² de área construída, no principal centro universitário do país. Constituído como um modelo de excelência para a medicina, abrigava além de pacientes, médicos e estudantes dos outros estados brasileiros e também da América Latina.

Os problemas do superdimensionamento para a época começaram a aparecer já na fase de construção do Hospital, uma vez que ela começou em 1950 e durou mais de duas décadas para ser parcialmente concluída. Em 1978, metade do edifício, correspondente a Ala norte, foi inaugurada. A outra metade, Ala sul, teve apenas a estrutura e o fechamento concluídos e tornou-se conhecida como “Perna-Seca”, que foi abandonada até sua implosão em 2010 (Figura 2).



Figura 2 | Implosão da “Perna-seca” do HUCFF, 2010
Fonte: Blog Coisas da Arquitetura⁴

A decisão da implosão, segundo Silvio Colin (2011), está associada aos mesmos princípios que gerara a edificação, “segundo conceitos tecnicistas, funcionalistas e produtivistas (...) que não sabem preservar, restaurar, revitalizar.” À justificativa da megalomania moreirana da monumentalidade, Colin contrapõe com a igual arrogância dos governantes à época e com a construção de edifícios atuais igualmente monumentais, e finaliza criticando a implosão porque “nosso pensamento arquitetônico que, já na segunda década do século XXI, não consegue incluir nada que não seja aquela desgastada reflexão racionalista e produtivista de meados do século XX”.

O que aconteceu foi o seguinte. Primeiro, a questão do tamanho do Hospital. Estava-se em uma época de gigantismo. Governo ditatorial. Governo Getúlio. Tudo tinha que ser grandioso. Tudo tinha que ser muito importante, né? (Dr. Clementino Fraga Filho, fundador e primeiro diretor do HUCFF, em entrevista para o Documentário “HU”, 2011.)

Durante a gravação do documentário “HU”, de 2011, o diretor-geral do Hospital Dr. Alexandre Cardoso, refletindo sobre a problemática envolvida nesse abandono, afirmou que quando “você faz uma projeção imensa, que depois não consegue se materializar, fica aquele negócio inacabado”. Ele acredita que essa situação tem que servir como parâmetro, para que não se repita e, por fim, questiona “por que somos assim?” (2009).

O abandono desta edificação demonstra a crise do projeto social que estava associado ao Movimento moderno e o descaso com a saúde pública e a pesquisa no Brasil, que foram recorrentes nos diferentes momentos políticos instaurados ao longo dessas décadas de abandono. Os promotores políticos e econômicos que impulsionaram esse projeto atribuíram ao HUCFF uma demanda não contemplada, idealizando o desenvolvimento de um sistema “moderno” de educação e saúde, tentando uma abrangência pública tanto em escala nacional quanto internacional.

Escola Superior de Guerra (ESG)

A Escola Superior de Guerra (ESG), localizada em Brasília, foi idealizada durante o “milagre econômico

brasileiro”, em 1970, para abrigar um sistema de ensino militar. Logo, ela foi promovida a partir de um financiamento público-militar, através de vias institucionais. O projeto do arquiteto Sergio Bernardes ocupa uma grande área de 30.000m². A paralisação das obras ocorreu em 1974, quando as fundações e o subsolo tinham sido executados (Figura 3).

O abandono dessa edificação está ligado à relação e às diferenças entre os militares e Bernardes. O governo militar encarregou Bernardes para dar continuidade a algumas construções de Brasília, na tentativa de reordenar o idealismo da arquitetura moderna no Brasil, referenciando a monumentalidade e o caráter de modernidade vinculado ao desenvolvimento e, conseqüentemente, ao progresso.

O projeto da ESG pretendia-se ser icônico, imponente, mas acaba por ser megalomaniaco. Pode-se entender que a arquitetura moderna foi encarada como um estilo, no sentido conferido por Kopp, em prol de reforçar o poder militar brasileiro. A pretensão se justifica desta forma, pois a Escola corresponderia à formação de oficiais ligados ao desenvolvimento do país.

Todavia, a perspectiva de Bernardes desviava-se da conjuntura política da época, que era marcada por um período de repressão. Bernardes, ao projetar a ESG, apostou no poder de seu projeto para transformar o território e, por conseguinte, a vida do homem-indivíduo que, segundo ele, deveria ser livre e autônomo, como si próprio. Para exemplificar a autonomia com que Bernardes projetava, além da concepção do edifício, ele queria também influir no currículo e na concepção da mentalidade e do conhecimento que seria ministrado aos oficiais. Sua pretensão era restabelecer uma nova organização social, administrativa, econômica e curricular da Escola.

A construção ficou então paralisada quando ocorreu o atrito entre essas diferentes aspirações. Ao pregar



Figura 3 | Estrutura abandonada da Escola Superior de Guerra. Brasília, sem data
Fonte: Site VejaBrasilia⁵

a liberdade do homem-indivíduo, com concepções e idealismos próprios, que estavam em sentido contrário aos ideais do Estado militarizado, Bernardes teve este, que estava em construção, e outros projetos abandonados.

O abandono da ESG representa um passado caracterizado por uma sociedade ambiciosa por um futuro glorioso, guiada por diferentes esferas de poder políticas e econômicas, que almejavam o desenvolvimento, criando demandas para o futuro ao invés de se atentarem para o presente.

Edificações de interesses comerciais em abandono

Os próximos exemplos de grandes edificações inacabadas surgiram seguindo a mesma lógica desenvolvimentista que Arturo Escobar examinou e apresentam um viés diferente dos anteriores. Eles também são projetos da modernidade, que possuem um caráter simbólico evidenciado em suas grandes dimensões e estão abandonados. No entanto, enquanto o grupo anterior surgiu a partir de uma perspectiva mais coletiva e social, este grupo se caracteriza por possuir um forte caráter de especulação imobiliária, que foi idealizado através de uma perspectiva lucrativa.

Esse caráter especulativo corresponde a um período, conforme analisado por Anatole Kopp e Arturo Escobar, no qual a arquitetura moderna passou a ser encarada pelas esferas de poder políticas e econômicas como instrumento de ostentação e lucro, a partir de ideais de progresso e desenvolvimento. Através da megalomania de edificações “modernas”, tais esferas idealizavam fortalecer a perpetuação da classe dominante em detrimento da sociedade.

O grupo é composto pelos seguintes empreendimentos hoteleiros: o Gávea Tourist Hotel (GTH) de 1953 e, apresenta como estudo de caso, o Panorama Balneário Hotel (PBH) de 1957 em Niterói, no estado do Rio de Janeiro.

Gávea Tourist Hotel (GTH)

O Gávea Tourist Hotel (Figura 4), localizado em São Conrado no Rio de Janeiro, começou a ser construído em 1954 para ser um grande complexo hoteleiro de referência nacional e internacional. Ele foi um lançamento econômico da Companhia Califórnia de Investimentos, que contou com uma grande participação pública para promover tal empreendimento. O projeto foi do arquiteto pouco conhecido Décio da Silva Pacheco.

Esse empreendimento hoteleiro possui grandes dimensões, ocupando um terreno de 22.000m² na encosta de uma montanha que enquadra um dos panoramas litorâneos mais deslumbrantes da cida-

de. Antes dessa inserção, a montanha era coberta por Mata Atlântica nativa e, por ter essa relevância panorâmica, ela se apresenta com destaque na paisagem urbana carioca.

O GTH foi apresentado pela imprensa como um conjunto de “moderníssimas instalações hoteleiras”, que “nas linhas externas, (o Hotel apresentaria) os mais puros princípios da arquitetura moderna, e, nas linhas internas, tudo foi traçado obedecendo as mais avançadas técnicas de funcionalidade”⁷.

O projeto do GTH previa 16 pavimentos compostos por 480 apartamentos, onde cada um abrigaria até quatro pessoas. Além disso, o projeto forneceria uma série de atividades ligadas a diversas atrações de lazer, serviços de beleza, gastronomia, dentre outros. Todo esse programa seria agregado a partir de um complexo autônomo constituído por um sistema



Figura 4 | Perspectiva do projeto do Gávea Tourist Hotel, como foi ilustrado nas propagandas, sem data
Fonte: Site Diário do Rio⁶

próprio de mobilidade, com ônibus e até mesmo teleférico para os hóspedes, que faria a ligação do Hotel à orla da praia.

Todos esses serviços e atividades seriam proporcionados aos hóspedes mediante o pagamento de diárias ou de um sistema, considerado “moderno”, de cotas. Este sistema de cotas significava que, pagando a cota de Cr\$ 750,00 mensais, o hóspede garantiria 15 dias de hospedagem por ano no GTH. A intenção por trás deste sistema era hospedar pessoas do mesmo círculo social e financeiro, o que garantiria a frequência de um público elitista bem seletivo.

As cotas começaram a ser vendidas em 1952, dois anos antes das obras começarem, para ajudar a custeá-las. Ao todo foram vendidas 11.520 cotas. Em 1956, as obras paralisaram, quando todos os 16 pavimentos tinham sido erguidos, possuindo somente a estrutura interna do edifício. Atualmente, a estrutura desse edifício inacabado (Figura 5) encon-



Figura 5 | Estrutura abandonada do Gávea Tourist Hotel, 2016
Fonte: Site YouTube⁸



Figura 6 | Vista mais aproximada da estrutura inacabada e abandonada do PBH e, ao fundo, o horizonte deslumbrante do Rio de Janeiro, 2016
Fonte: Site YouTube⁹

tra-se abandonada, ainda sem solução, às intempéries do tempo, da política e da economia.

O GTH é mais um exemplo de edificação moderna inativa de grandes proporções que exhibe hoje a política de erros do passado. Ele foi um empreendimento criado a partir da pretensão dos dirigentes da Companhia de turismo e da ostentação do Estado, que juntos idealizaram que esse projeto seria um novo porto de atração na rota turística internacional. O desejo de conferir ao GTH o status de um dos melhores hotéis do mundo foi maior que a demanda real da época.

Abandonada na paisagem carioca desde a década de 1950, essa edificação representa uma das heranças de uma época de política imobiliária especulativa sem base sólida definida, que queria promover o desenvolvimento para seus promotores através da arquitetura moderna monumental, como um estilo, sem remediar as consequências de sua inserção na paisagem natural. Seu destino é hoje um desafio ecológico para a cidade.

Panorama Balneário Hotel (PBH)

Este trabalho apresenta mais detalhadamente a história da construção e do abandono do Panorama Balneário Hotel (PBH), popularmente conhecido como Hotel Panorama. O projeto foi feito pelo arquiteto Walner Gomes Cruz (?-1978), e começou a ser idealizado em 1957, pela Companhia Brasileira de Turismo (Combratur). As obras do PBH foram paralisadas em 1960, quando a estrutura de um terço do edifício principal tinha sido erguida. Atualmente, esta estrutura inacabada apresenta-se nesse mesmo estado de construção, porém em piores condições (Figura 6).

Localizado no topo de uma proeminente montanha que separa os bairros de São Francisco e de Charitas, na cidade de Niterói, estado do Rio de Janeiro (Figura 7), o edifício do PBH descaracterizou a paisagem natural preexistente. O projeto substituiu grande parte da Mata Atlântica nativa por 100.000 eucaliptos. Isto acarretou inúmeros problemas ambientais,



Figura 7 | Mapa da cidade de Niterói, com os bairros de São Francisco e Charitas destacados. O Hotel Panorama está localizado no ponto vermelho
Fonte: Autoria própria

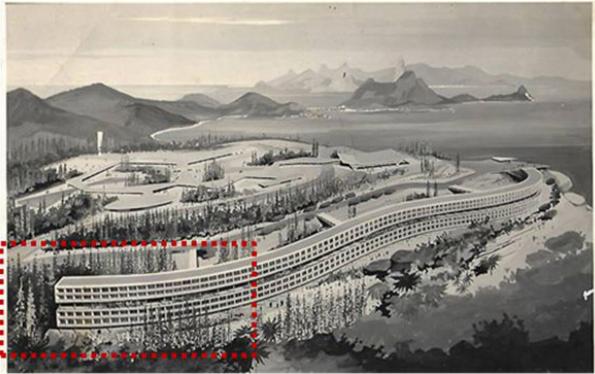


Figura 8 | Perspectiva completa do projeto do Hotel Panorama, com o setor construído demarcado em vermelho, 1959
Fonte: Acervo particular de Juju Huet Wollner¹⁰

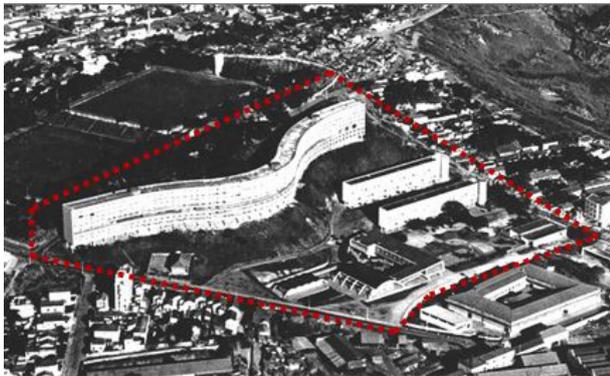


Figura 9 | Estrutura abandonada da terça parte do Panorama Balneário Hotel. Niterói, 2018
Fonte: Site Archdaily¹¹

como ocorrência de incêndios, extinção de grande parte da fauna e flora locais e tornou o solo infértil.

O programa desse empreendimento hoteleiro de escala monumental era constituído por um parque arborizado de 200.000m², com eucaliptos reflorestados e outras espécies não- locais. Além disso, a área edificada corresponderia a 60.000m², que abrigaria 300 apartamentos, todos de frente para o mar, diversas atrações e atividades de lazer, esportivas, de beleza, descanso, dentre outras. O projeto contaria também com um sistema próprio de transporte, composto por gôndolas venezianas, ônibus, barcas marítimas e um teleférico, com dois bondinhos, que interligaria o Hotel à orla da praia.

No entanto, a parte construída desse vasto programa corresponde a uma área de 25.000m², onde somente um setor do edifício principal foi erguido, que abrigaria 100 apartamentos. Este setor construído (Figura 8) corresponde a 110 metros de comprimento, aproximadamente, e a sua estrutura está sobrevivendo às intempéries por seis décadas inteiras, sem nunca ter recebido nenhuma manutenção, uma vez que não há mais interesse em torno desse complexo hoteleiro de grandes dimensões, que pertenceu às aspirações de outra geração.

Ao observar essa volumetria ondulada do edifício principal no topo da montanha, é possível traçar paralelos entre este projeto do PBH com o projeto do arquiteto Affonso Eduardo Reidy, o premiado Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes, conhecido como Pedregulho (1947 - 1961). Ambos possuem uma grande escala e são conjuntos arquitetônicos funcionais que seguem a mesma estrutura moderna, mas eles foram marcados por objetivos, interesses e qualidades arquitetônicas diferentes.

O Conjunto do Pedregulho (Figura 9) abrange um programa de habitação de interesse social e representa uma nova estrutura urbana da cidade moderna, baseada na renovação social do espaço urbano local e global e na materialização de uma ideia de centro cívico de qualidade. Dentro do Conjunto, há escola, centro de saúde, lavanderia, mercado e centro esportivo para seus moradores. Ele é um sistema habitacional autônomo, isto é, um núcleo urbano independente e, ao mesmo tempo, integrado com a cidade por meio do sistema viário.

Reidy implantou o edifício principal do Pedregulho de forma sinuosa, seguindo o traçado original da curva de nível da montanha, buscando assim reconhecer e enfatizar uma característica natural preexistente, definindo a natureza desencadeadora da arquitetura e não o contrário. Enquanto o Pedregulho promove uma boa interação entre a paisagem e a arquitetura por meio de um dinâmico diálogo entre o construído e o natural, o Hotel Panorama foi instalado de maneira impositiva na paisagem natural, pretendendo ganhar posição de destaque, desconsiderando e descaracterizando as preexistências.

O PBH foi uma cópia sistematizada e mal sucedida do Conjunto do Pedregulho, pois replicou a arquitetura moderna, mas não preservou nenhuma qualidade social, cultural ou estética. O cunho por trás do PBH era exclusivamente econômico, através de um ideário especulativo de esferas de poder, tanto



Figura 10 | Mapa da cidade de Niterói, com os bairros de São Francisco e Charitas destacados. O Hotel Panorama está localizado no ponto vermelho
Fonte: Autoria própria

políticas quanto econômicas, que impulsionaram a criação de demandas fictícias para justificar este complexo hoteleiro de escala monumental, dominante na paisagem urbana (Figura 10).

Houve uma pretensão de demanda nacional e internacional, para qual os impulsionadores do PBH idealizaram um hotel que seria referência para o mundo e que tiraria o título de Niterói como cidade sucursal do Rio de Janeiro, mas que não levou em consideração a demanda real de turistas na cidade de Niterói daquela época. Havia baixos índices de ocupação nos hotéis da cidade, e muitos deles foram descaracterizados, pois perderam suas funções hoteleiras e viraram novos empreendimentos ou foram demolidos.

Para concretizar essa especulação fictícia, o PBH recebeu suporte das autoridades locais e federais, principalmente pelo fato do Governo Federal assumir a necessidade de incentivar o turismo como fonte de renda verdadeiramente ponderável para a grandeza do país. A Combratur, na idealização e construção do Hotel Panorama, teve então o apoio da Prefeitura de Niterói, do estado do Rio de Janeiro, assim como, do Governo Federal. Todas essas esferas (Figura 11) transpareciam parte de suas conexões e interesses através da imprensa, que muitas vezes dissimulou informações, para certificar que o empreendimento seria frutífero para a população local.

Durante a década de 1960, quando as obras do PBH foram paralisadas, houve ampla divulgação de novidades imperdíveis e propagandas publicitárias que exaltavam o empreendimento hoteleiro. Alguns veículos de informação tentaram difundir também

sobre a demanda de turismo em Niterói, de forma equivocada, atestando que a cidade precisava de um hotel de qualidade, como o PBH. Muitas promessas de desenvolvimento e de vantagens para a população foram divulgadas, com o intuito de arrecadar investimentos e retomar as obras, que de fato não foram retomadas.

Esses investimentos seriam arrecadados, em grande parte, através do sistema de cotas, divulgado como “moderno” para a época, que era organizado de forma condomínio-imobiliário. Cada cota seria vendida no esquema de mensalidade e garantiria ao cotista quinze dias de moradia no apartamento do PBH por ano e usufruto das atividades e serviços de lazer. A imprensa divulgou ainda que esse sistema era uma maneira acertada para a formação do “bom turismo”, uma vez que garantiria uma frequente permanência de pessoas do mesmo círculo social.

As cotas começaram a ser vendidas em 1957, por Cr\$ 30.000 cada. A maior parte delas foi vendida para empresários e investidores, que a fim de lucrar com esse sistema, compravam algumas cotas e revendiam pelo valor que quisessem. Acreditando que esse empreendimento iria ressarcir, foi vendida uma grande quantidade de cotas, cujo montante é desconhecido, bem como sua aplicação. No entanto, sabe-se que mais de 600 cotas foram de fato vendidas.

Na década de 1970, a imprensa divulgou haver uma série de problemas para a finalização das obras. Estes problemas foram vinculados à falta de recursos. Segundo os dirigentes da Combratur, essa situação era proveniente da ausência de suporte fi-

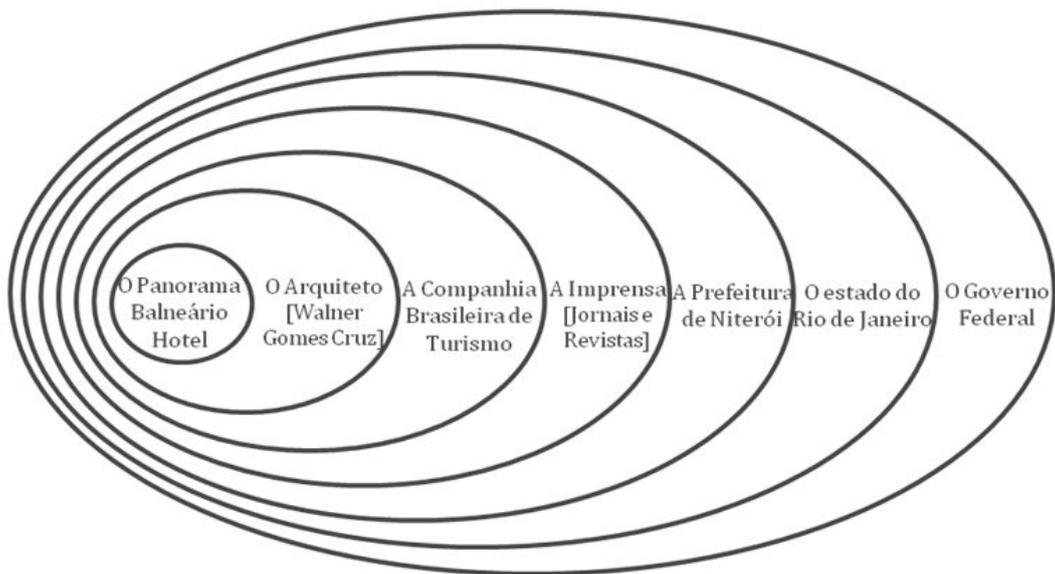


Figura 11 | Diagrama da interação das esferas de poder autoral, políticas e econômicas em torno do Hotel Panorama
Fonte: Autoria própria

nanceiro estatal e federal. A partir desse fato, podemos concluir que o Governo Federal e o estado do Rio de Janeiro já haviam abandonado o Hotel Panorama. Durante a década de 1980, houve um hiato de novas informações sobre o empreendimento e toda a tramitação em torno dele, demonstrando o abandono do PBH também por parte da imprensa.

A partir da década de 1990, novas publicações transpareceram que o PBH passou a ser ignorado inclusive pelos seus proprietários, dirigentes da Combratur. A estrutura abandonada foi a leilão algumas vezes, mas ninguém a adquiriu. Por fim, ela ficou aos cuidados do Banco Central. Nessa época, a imprensa passou a difamar o PBH, desejando que a estrutura fosse implodida, antes que ela causasse algum mal à população pelo seu risco de desabamento.

Contudo, a Prefeitura de Niterói optou por não concretizar essa alternativa, mas sim reaproveitar a estrutura inacabada, primeiro como um centro ecológico ou sede de uma ONG, já que o terreno do PBH está inserido em uma área de proteção ambiental. No entanto, essa intenção foi descartada e decidiu-se pela retomada do empreendimento com uma nova proposta hoteleira. Esta proposta, divulgada em 2016, era transformar a estrutura abandonada em um ecohotel. Porém, como o momento atual ainda não é bom para o turismo em Niterói e com as novas leis ambientais de proteção e preservação, o novo hotel ainda está em tramitação.

A Prefeitura de Niterói parece ter voltado a se interessar pela estrutura inacabada e até então abandonada, acreditando em uma nova oportunidade de obter lucro, reativando o empreendimento hoteleiro. A Combratur já não existe mais e não se sabe ao certo quem é o proprietário do terreno do PBH. O estado e o governo federal já estão desvinculados desse empreendimento desde a década de 1970. Portanto, o futuro da estrutura inacabada do Hotel Panorama, que sempre esteve ligada às intenções dessas esferas de poder, ainda é incerto e apresenta-se como um desafio ecológico, como o GTH.

Conclusão

Os casos de estudo apresentados revelam um passado de valores negativos, atrelado à forma como a arquitetura moderna passou a ser produzida a partir de 1950, com a ascensão da lógica desenvolvimentista, que almejava o progresso com o ensejo de ser moderna. Esta arquitetura “dita” moderna se consolidou como simbolismo de poder e instrumento de estratégia, atrelada à ostentação e especulação do proprietário e do próprio Estado.

Grandes edificações modernas ficaram inacabadas e abandonadas na paisagem urbana das cidades, representando uma face da modernidade no Bra-

sil ainda pouco estudada. Essa face traduz a busca da monumentalidade simbólica através das grandes dimensões, as falhas dos programas arquitetônicos, a ganância do sistema produtivo e a falência de um projeto progressista de modernidade, no qual a busca do bem estar social do princípio foi também abandonada.

Por fim, acreditamos que esses abandonos simbolizam o declínio da ideologia desenvolvimentista, pois eles exibem um panorama de grande investimento perdido, tanto das esferas de poder privadas quanto públicas. Os promotores desses projetos não arrecadaram o lucro idealizado, e nem tão pouco a população, que havia recebido muitas promessas de desenvolvimento. Não obstante, a população herdou os impactos gerados pelos projetos especulativos, como o aumento de desigualdades socioeconômicas e seus passivos ambientais.

Notas

¹ Este trabalho foi desenvolvido com o suporte do CNPq e da CAPES

² Tradução livre – (...) “it was like the merest diagram of an idealized reinforced concret-frame structure”

³ Disponível em: <<http://arqguia.com/obra/cidade-universitaria/?lang=en>> Acesso em: 17 jun 2018

⁴ “Crônica de uma morte anunciada”, de Silvio Collin. Disponível em: <coisasdaarquitectura.wordpress.com/2011/01/18/cronica-de-uma-morte-anunciada/> Acesso em: 27 nov 2017

⁵ “Os segredos dos escombros”. Disponível em: <<http://vejabrasilia.abril.com.br/materia/cidade/os-segredos-dos-escombros/>> Acesso: 28/04/2018.

⁶ “História do esqueleto do Gávea Tourist Hotel”. Disponível em: <<https://diariodorio.com/historia-do-esqueleto-do-gavea-tourist-hotel/>> Acesso em: 02 abr 2019

⁷ Jornal “Diário da Noite”. Rio de Janeiro, 1955. Hemeroteca Digital.

⁸ Canal FLY ART. Vídeo publicado em: 6 de maio de 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-IH7UxgW5ZU>> Acesso em: 29/04/2018.

⁹ Canal Ricardo Rizzetto. Vídeo publicado em 16 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E_gxuz33VHI&t=5s> Acesso em: 20/04/2018.

¹⁰ Imagem publicada no grupo do Facebook “HISTÓRIA DE NITERÓI”, no dia 24 de outubro de 2016.



¹¹ “Uma arquitetura para a cidade. A obra de Afonso Eduardo Reidy”. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/776776/uma-arquitetura-para-a-cidade-a-obra-de-afonso-eduardo-reidy/563e7a47e58ecea9eb00003e-uma-arquitetura-para-a-cidade-a-obra-de-afonso-eduardo-reidy-imagem>> Acesso em: 01 dez 2018.

Referências Bibliográficas

ANDREOLI, Elisabetta; FORTY, Adrian (Orgs.). *Arquitetura moderna brasileira*. Londres: Phaidon Press, 2004.

BANHAM, Reyner. *A Concrete Atlantis. U.S. Industrial Building and European Modern Architecture (1900-1925)*. Cambridge/London: The MIT Press, 1986.

_____. *Teoria e Projeto na Primeira Era da Máquina*. São Paulo: Perspectiva, 1975 (1960).

BRITTO, Alfredo. *Pedregulho: O sonho pioneiro da habitação popular no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015.

CABRAL, Cláudia Piantá Costa. *De volta ao futuro: revendo as megaestruturas*. Março/2007. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.082/266>> Acesso em: 27 nov 2017

CAVALCANTI, Lauro; BERNARDES, Kykah (org.) *Sergio Bernardes*. Rio de Janeiro: Artviva, 2010.

COHEN, J-L. *Scenes of the world to come. European Architecture and American Challenge (1893-1960)*. Paris/Montreal: Flammarion/Canadian Centre for Architecture, 1995.

COLIN, Silvio. *Crônica de uma morte anunciada*. Disponível em: <https://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2011/01/18/crônica-de-uma-morte-anunciada/> Acesso em: 27 nov 2018

_____. *Megaestruturas. O futuro do passado*. 19/08/2010. Disponível em: <<https://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2010/08/19/megaestruturas-o-futuro-do-passado/>> Acesso em: 27 nov 2017

Documentário “HU”. Direção e produção de Pedro Urano e Joana Traub Csekö. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6nem1auchOg>> Acesso em: 17 jun 2018.

DUARTE, Rovenir Bertola. *Caminhos, reflexões e o tempo da arquitetura contemporânea*. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.124/3573>> Acesso em 27 nov 2017

ESCOBAR, Arturo. *O lugar da natureza e a natureza do lugar: Globalização ou pós-desenvolvimento?* Buenos Aires: CLACSO, 2005.

FALBEL, Anat. *Anatole Kopp (1915-1990): The Engaged Architect and the Concept of Modern Architecture*. In: 10th International Docomomo Conference, 2008, Rotterdam. proceedings of the 10th International Docomomo Conference. Amsterdam: IOS Press BV, 2008. p. 43-48.)

Gávea Tourist Hotel - São Conrado - Rio de Janeiro. *Lugares Esquecidos*, 2012. Disponível em: <<http://www.lugaresesquecidos.com.br/2012/12/gavea-tourist-hotel-sao-conrado-rio-de.html>> Acesso em: 29 abr 2018

GUANAES, Felipe. *Sergio Bernardes [recurso eletrônico]: doutrina de uma civilização tropical*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RJ, 2016.

História do “esqueleto” do Gávea Tourist Hotel. *Diariodorio.com*, 2016. Disponível em: <<https://diariodorio.com/historia-do-esqueleto-do-gavea-tourist-hotel/>> Acesso em: 02 abr 2018.

Hotel Abandonado em Niterói deve ter licença para obras em 15 dias. *O Globo*, 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/bairros/hotel-abandonado-em-niteroi-deve-ter-licenca-para-obras-em-15-dias-19349153>> Acesso em: 06 out 2017.

KOPP, Anatole. *Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa*. São Paulo: Nobel, 1990 (1986).

NEVES, Carolina Q. *Panorama Balneário Hotel: Reflexão crítica acerca do abandono arquitetônico na paisagem urbana*. Monografia de finalização da graduação, FAU-UFRJ, 2018.

SILVA, Flávio José Rocha. *O conceito de desenvolvimento no pensamento de Arturo Escobar*. Revista Pegada - vol. 17 n.2. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/4671/3585>> Acesso em: 08/04/2019

SILVA, Marcelo A.F. *Do milagre à maldição: Sergio Bernardes e as ruínas da Escola Superior de Guerra - Brasília / 1970-74*. Disponível em: <https://www.anparq.org.br/dvd-enparq-4/SESSAO%20/S20-06-SILVA,%20M.pdf> Acesso: 28 nov 2018

_____. *Do milagre à maldição : Sergio Bernardes e Brasília (1968-74)*. Dissertação de Mestrado, PUC-RJ, 2016.

SOARES, Emmanuel; EIGENHEER, Emílio. *Conversas sobre o Saco de São Francisco*. Niterói: In-fólio. Centro Comunitário de São Francisco, 2002.